

## A EDUCAÇÃO ALTERNATIVA HOJE

Aida Bezerra

Equipe de Assessoria à Educação Popular – SAPÉ

Rio de Janeiro

### 1. Situando a questão

Para que a conversa corra mais fácil, vale a pena começar pela explicitação das primeiras idéias que vêm ao pensamento quando a proposta é discutir educação alternativa. É um esforço para marcar, no ponto de partida, de que educação estamos tratando, e qual a alternativa que nos mobiliza.

A nossa memória ainda carrega traços muito fortes de uma educação formal circunscrita aos espaços escolares, tendo, como tarefa principal, dar acesso aos saberes acumulados, oficialmente reconhecidos como necessários e, portando, legitimados. Ao mesmo tempo, através das relações e comportamentos condizentes com a reprodução da mesma matriz social. Nessas condições, lidávamos com saberes procedentes de uma única fonte e estávamos todos fadados a um comportamento de simples subordinação à autoridade constituída e de docilidade em relação ao seu mando. A crítica não tinha lugar nesse âmbito, sob pena do indivíduo não ser incluído no rol das pessoas educadas. Acreditando que esse tipo de educação vem, hoje, perdendo a sua justificativa, queremos falar de uma outra perspectiva: de uma educação que não existe em separado do dinamismo da sociedade, independentemente de estar atrelada aos sistemas oficiais de ensino ou às iniciativas da sociedade civil. E, por isso mesmo, tende a dar relevo ao acontecimento educativo caracterizando-o como espaço de socialização, valorização e aperfeiçoamento do que a sociedade sente, produz e descobre. Ao saber universal, sistematizado, agregamos o de todos aqueles que contribuem para a viabilização do processo educativo. Não mais a exclusividade do legitimado, da única fonte, do pensamento único. Nem a deliberação isolada do educador sobre o que todos devem saber, pensar e querer. Mas o uso dessa oportunidade para a organização das condições de amadurecimento das bases de leitura e desvelamento do mundo, e do exercício de uma convivência social negociada e humanizante.

Quando se fala em educação alternativa, apesar do sentido do termo alternativo, a imagem que lhe vem associada é sempre a de uma intervenção paralela ao que é predominante. Ou periférica, à margem; alguma coisa que parece frágil ou se encontra em fase de experimentação. Ou, por ultimo, assemelha-se a uma situação de condicionamento extremo, do tipo: "não havia outra escolha, era a única alternativa". Se era única, não era uma escolha. Parece-nos que a alternativa de que estamos falando, de um lado, tem mais a ver com a resistência, com a inconformidade; e, de outro, no sentido da positividade, se afirma como escolha deliberada de um outro caminho que não é simplesmente o desvio de uma estrada central. Não se trata, portanto, de uma insurgência intempestuosa, de pura insubordinação ao que é imposto. A alternativa de que estamos falando é ajuizada, pensada, tem raízes, responde a uma demanda manifesta e é fruto de muita luta e de muito estudo. Nesse sentido, não é frágil nem experimental. Pode não ser hegemônica, mas é forte e principal; principal estamos atentos ao que a sociedade está decidindo no que

diz respeito aos caminhos pelos quais quer construir os seus sujeitos históricos; e principal também porque é dessa educação que estamos precisando. Esta é a que queremos e a que estamos realizando, propondo, negociando. Já decidimos que não estamos mais dispostos a ser reconhecidos como indivíduos educados, "obedientes e dóceis", moldados pela repressão disciplinante; e escolhemos ser sujeitos de criação, de expressão e escolhas, pelas quais respondemos. Nos termos de hoje, o uso dessa liberdade responsável ainda é uma insurgência em relação aos padrões repressivos que vivenciamos em termos políticos e econômicos.

Então, escolhemos mudar de caminho e a mudança se faz hoje. Hoje as dimensões de espaço e tempo nos obrigam a pensar e agir considerando o futuro e o passado revelados no justo momento vivido. O que equivale a dizer que o passado está aí, na história presente e na cultura que plantou, e o futuro é agora. Não estamos somente preparando um futuro para outros, desligados do passado, estamos tentando viver o que deve ser.

Numa outra dimensão, o lugar onde se vive já não tem as mesmas fronteiras de isolamento. O mundo global faz com que os acontecimentos circulem numa agilidade comprometedora dos destinos do planeta. A luta do Timor Leste é a minha luta. No entanto, esse lugar onde estão plantadas as nossas raízes não perdeu o seu papel. Ao contrário, ganhou amplitude para se dizer, para se fazer reconhecer na sua identidade particular. É desse lugar que gestamos a nossa contribuição específica à solidariedade universal. A globalização não pode significar homogeneização, mas convivência enriquecedora entre diferentes modos de ser e de estar presente.

Nessa direção, nessa convergência, os agentes de mudança são muitos. São inúmeros os parceiros, de diversos lugares, tecendo alianças e se fortalecendo mutuamente. Já não somos "quatro gatos pingados". Há algumas décadas, os militantes dos primeiros ensaios dessa proposta – que hoje insistimos em chamar de principal – eram poucos, mas atuantes, num movimento que se reconhecia como uma minoria teimosa. Hoje contamos com aliados dentro e fora das áreas de ação do Estado (não do Governo), dentro e fora das universidades, dentro e fora dos movimentos sociais. Os educadores que se alinham numa perspectiva de educação popular estão presentes em vários desses espaços. Estamos na contramão do que é definido pelos poderes constituídos? A educação que queremos certamente nada tem a ver com uma política de educação para pobres, de baixo custo e péssima qualidade.

Estamos envolvidos diretamente com a costura do tecido social com pontos finos e resistente com os quais ajudamos a preparar as condições de um desenvolvimento onde todos estão incluídos e convocados a colocar a sua marca individual, única e insubstituível. Um desenvolvimento que tenha a nossa cara, que seja plantado no nosso chão cultural e construído com o nosso trabalho e nossa alegria. Seguramente esse não é um horizonte que se possa divisar através da ótica economicista predominante hoje, cujas estratégias ou nos desmobilizam e excluem ou definem onde e em que nós devemos investir as nossas capacidades.

Estamos sonhando? É possível. Mas esse sonho é o combustível de que precisamos para construir outra qualidade de força política que viabilize o nosso desejo de pintar a vida com as tintas de uma fraternidade mais conseqüente com a nossa existência planetária.

## 2. Outra racionalidade, outra alma

A educação que estamos pondo em prática inclui a ordem do sensível, da subjetividade, e reconhece a residência do desejo como um núcleo de ressonância e movimento. Se as convocações, os apelos, não encontrarem ressonância no nosso querer, a nossa vontade se moverá com dificuldade para abrir as suas janelas; seja para que a nossa luz ajude a clarear o ambiente de todos ou para deixar entrar outras luzes das quais o nosso mundo certamente está precisando. É nessa dinâmica que vamos criando e consolidando o sentido do que fazemos e do que queremos.

Nessa perspectiva, a razão, como instrumento de afirmação da superioridade humana, abre espaço para uma outra racionalidade que convoca mais do que a nossa capacidade de apreensão intelectual. A cabeça deixa de ser a única que comanda o corpo e exerce o seu gerenciamento. É todo o corpo, na sua unidade orgânica, e enquanto esconderijo de muitos segredos e mistérios, que se exerce por inteiro. A educação, portanto, não se reduz a uma prática de transmissão e recepção de conteúdos que independe das muitas histórias e das múltiplas maneiras de ser presentes naquele mesmo instante.

A nossa educação é um momento de aprender a se dizer e a apreender por todos os sentidos. Ninguém se diz ou apreende exatamente como o outro, nem como o seu próprio irmão. A riqueza de um coletivo é justamente a interação desse conjunto de indivíduos diferenciados que se expressam e se dispõem a ouvir e compreender o que se passa em torno deles.

Alguma coisa, no entanto, é de todo ainda mais fundamental para se tornar possível essa convivência produtiva: a aprendizagem e o exercício do poder compartilhado. A negociação de um código de convivência que se vai refazendo à medida do amadurecimento do coletivo é o ponto de partida para a desconstrução dos profundos desvios que herdamos de uma história de competição e opressão. A qualidade das relações de poder, que estabelecemos para produzir seja lá o que for, entranha o produto. Assim, na educação que escolhermos, o poder é matéria de aprendizado enquanto o esforço de compreensão e superação dessas dissonâncias na quais fomos moldados. Nesse sentido, nós somos sujeitos e objetos de nossa própria edificação.

O lugar de poder que antes era atribuído ao educador, enquanto depositário do saber e das orientações a serem distribuídas, foi completamente mudado. A sua solidão acabou. Na realidade, ele já não se encontra diante de indivíduos radicalmente carente de seu saber e de seus conselhos para sobreviverem em sociedade, mas conta com a colaboração de sujeitos que pensam, sente, têm história e trazem uma bagagem cultural. A função do educador é justamente a de organizar condições pedagógicas que possam facilitar a explicitação da riqueza que já existe no ponto de partida para que ela se torne matéria prima a explorar, criticar, e complementar. A partir daí, há muito o que agregar como aprendizado, como acesso aos saberes disponíveis, mas sempre em resposta a uma demanda visível. Os confrontos e conflitos estão previstos, e o papel do educador é o de torná-los produtivos, fazendo valer o que foi coletivamente aprovado em termos de regras de convivência. O consenso não é um objetivo pedagógico a obter a qualquer custo. Em lugar disso, a transparência na negociação de interesses, a elaboração de critérios, a aprendizagem cotidiana da justiça. Enfim, o conflito desassombrado.

Temos a impressão de que esse é um dos caminhos do resgate da delicadeza, não só entre os humanos; da delicadeza que devemos a todos os entes e coisas que coabitam e se interdependem no interior desse imenso sistema cósmico. Tratamos, portando, de uma educação para homens imensos, insondáveis, que guardam tesouros de beleza à espera de oportunidades para comunicar. Todos criadores, todos artistas, todos autores, capazes de ler e escrever o mundo de diversas formas e de diversos lugares. Essa seria uma educação a serviço da abundância de ser.

### 3. Os desafios atuais

Contando só com o discurso, a convicção e o animo da decisão tomada, parece que estamos prontos para enfrentar os desafios que aí estão. O cotidiano dos acontecimentos com suas dificuldades concretas, porém, invade os nossos locais de trabalho e condiciona o nosso desempenho.

Olhando rapidamente ao redor, vemos além do limite imediato dos recursos materiais para vestir a nossa proposta com a dignidade que ela merece – enfim, essa não é a proposta privilegiada pelas fontes de recursos. Vemos outros desafios que também nos inquietam.

O primeiro deles é a repercussão dos avanços tecnológicos. Sabemos, por exemplo, que há uma abundância de informações circulando velozmente pelas vias informatizadas. Além de termos pouquíssimo acesso a essas redes, por falta de equipamento e linguagem para tanto, perguntamo-nos com que matrizes vamos selecionar, dessa imensidão de dados circulantes, aqueles que nos interessam. Parece que só alguns têm as chaves de interpretação dessas informações e sabem em que direção utilizá-las.

Isso, num primeiro momento, pode nos ameaçar, mas não nos imobiliza. Tanto quanto, talvez, um ambiente letrado pode ameaçar um analfabeto – sem, no entanto, anular a sua vontade de desvendar o mistério do escrito. E nós também já estamos lutando para nos apropriar desse novo instrumento, que é de todos, mas com uma diferença: em meio a tantas informações, buscamos primeiro cultivar uma sabedoria que nos faça mais próximos e mais felizes. A nossa finalidade não é a de nos afirmar através de um banco abarrotado de moedas, contadas como frações de um poder que separa e arrasta a pobreza consigo. E é daí que vem o nosso segundo problema. Dessa famigerada simbiose entre a concentração de recursos e o poder arbitrário que lhe serve nasce a violência. Inaugura-se o desenvolvimento da nossa ferocidade com a criação de uma ambiência para a desenvoltura do lado pior do animal que continuamos a ser. Estamos, em número cada vez maior, sendo enjaulados em cadeias, cortados da convivência que humaniza. Somos nós, não são os outros, que estamos presos. Não nascemos assim, mas nos fizemos filhos do malefício. Não há o que esperar dessa ordem, e é por isso que estamos inaugurando outra, mais respeitosa de nós mesmos. Nossa educação tem a ver com esse enfrentamento.

A nossa terceira questão se refere ao trabalho. E aqui aparece um contra-senso: na mesma medida em que o avanço tecnológico globaliza o domínio das forças capitalistas em níveis de concentração financeira nunca vistos, e desemprega os trabalhadores, começamos a vislumbrar a possibilidade de resgate do real significado do trabalho para a sociedade. Trata-se da reapropriação do sentido histórico-social, econômico e político – "da atividade pela qual nos tornamos humanos" e da reinvenção de outras relações de produção. Os homens podem e

devem deixar de ser mercadorias e se tornar criadores de cultura.

"Assume-se o trabalho humano como criador das culturas humanas, ou das condições do bem viver, e das lutas por essas condições. Isso aponta para a necessidade de criticar as condições de trabalho impostas no presente e de redefinir o trabalho sem restringi-lo às atividades submetidas ao domínio do assalariamento pelo capital, estendendo-o a todas as atividades que, historicamente, repõem e recriam as condições de vida."

E, por último, nenhuma educação cidadã pode se colocar fora do horizonte de uma cidadania planetária. Nesse aspecto, há muito a desaprender. Temos, hoje, que interiorizar essa dimensão de responsabilidade e zelo com a "reposição e recriação das condições de vida". A Terra é grande, é verdade, mas é a nossa casa. Se cada um fizer a sua parte seremos todos a ter mais Vida e a melhor partilha.

#### 4. O lugar da educação

Para encerrar essa conversa, poderíamos nos dizer com simplicidade que o lugar que ocupamos com as nossas práticas e reflexões não promete grandes sucessos de carreira, como na política ou na economia que ainda predominam. No entanto, se sabemos porque nos mantemos nesses espaços públicos e teimamos em aí dar mostras de nossa cidadania, é porque de algum modo o nosso desejo se fez cúmplice dessa luta. Podemos até dizer que disso nos resultam apenas gotas de alegria, mas são brilhantes e anunciadoras de uma boa chuva.

Em síntese, seria importante guardar alguns pontos cardeais como referência dos horizontes que buscamos com a educação que fazemos hoje, talvez para que não percamos o rumo e a esperança. Digamos que os lugares prioritários que tentamos ocupar são os seguintes:

- &#8594; o da aprendizagem da socialização e da valorização dos indivíduos para que todos se enriqueçam mutuamente;
- &#8594; o da construção de novas matrizes de convivência social capazes de intervir e reverter a perspectiva do economicismo e da coisificação;
- &#8594; o de vivenciar a solidariedade entre os homens de todas as etnias, raças, gênero e idades, tomando a diferença como uma positividade;
- &#8594; e o de alimentar a força dos sonhos, produzindo as bases de uma abundância de ser, em consonância com a "dança do universo".

Resumo: A educação alternativa hoje

O artigo tenta enfatizar uma prática educativa vinculada ao dinamismo da sociedade, independentemente de estar atrelada aos sistemas oficiais de ensino ou às iniciativas da sociedade civil. Nessa direção, tende a dar relevo ao acontecimento educativo caracterizando-o como espaço de socialização, valorização e aperfeiçoamento do que a sociedade sente, produz e descobre. Não mais a exclusividade do legitimado, da única fonte, do pensamento único. O sentido dado ao alternativo não é, portanto, o de uma intervenção paralela ao que é predominante, e que permaneceria em estado de experimentação. Mas se trata da construção de um outro olhar, e outras práticas se impõem hoje marcando a tendência de uma outra qualidade do educativo. Nessa perspectiva, o poder é matéria de aprendizado enquanto esforço de compreensão e superação das dissonâncias nas quais fomos moldados. Nesse

sentido, nós somos sujeitos e objetos de nossa própria edificação. Os confrontos e conflitos estão previstos, e o papel do educador é o de torná-los produtivos, fazendo valer o que foi coletivamente aprovado em termos de regras de convivência. O consenso não é um objetivo pedagógico a obter a qualquer custo. Em lugar disso, a transparência na negociação de interesses, a elaboração de critérios, a aprendizagem cotidiana da justiça. Enfim, o conflito desassombrado.

Palavras-chave: educação popular, educação alternativa, sociedade civil.